



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 20, v. 2
abr-jun.2024
p. 263-271

“Vamos fazer a virilha completa e perianal?”: a força ambivalente dos espaços femininos¹

(*“Let’s do the full groin and perianal?”: the ambivalent strength of feminine spaces*)

(*“¿Hacemos la virilia completa y perianal?”: la fuerza ambivalente de los espacios femininos*)

Myriam Bahaffou^{1,2}

RESUMO: Neste artigo, capítulo traduzido de um livro da filósofa e ativista ecofeminista francesa Myriam Bahaffou, a autora explora um relato minucioso e sensível de uma sessão de depilação para pautar as interrogações e as ambivalências associadas às injunções de beleza impostas pelo patriarcado. Um diálogo entre as perspectivas feministas, antirracistas e decoloniais traz à tona a potência dos espaços e práticas da cosmética, nos quais se vislumbra o entrelaçamento da feminilidade e do feminismo, quando a cabine de depilação se mostra como “laboratório experimental de diálogo pós-colonial” de corpos racializados e histórias de mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: feminilidade; depilação; sororidade; ecofeminismo.

Abstract: In this article, a chapter translated from a book by French philosopher and eco-feminist activist Myriam Bahaffou, the author explores a detailed and sensitive account of a hair removal session to address the questions and ambivalences associated with the beauty injunctions imposed by patriarchy. A dialogue between feminist, anti-racist and decolonial perspectives brings to light the power of cosmetic spaces and practices, in which the intertwining of femininity and feminism can be glimpsed, when the waxing booth is shown to be an “experimental laboratory for post-colonial dialogue” of racialized bodies and women’s stories.

Keywords: femininity; hair removal; sorority; ecofeminism.

Resumen: En este artículo, un capítulo traducido de un libro de la filósofa francesa y activista ecofeminista Myriam Bahaffou, la autora explora un relato detallado y sensible de una sesión de depilación con cera para abordar las preguntas y ambivalencias asociadas a los mandatos de belleza impuestos por el patriarcado. Un diálogo entre perspectivas feministas, antirracistas y decoloniales saca a la luz el poder de los espacios y prácticas cosméticos, en los que puede vislumbrarse el entrelazamiento de feminidad y feminismo, cuando la cabina de depilación se muestra como un “laboratorio experimental para el diálogo poscolonial” de cuerpos racializados e historias de mujeres.

Palabras clave: feminilidade; depilação; sororidade; ecofeminismo

1 Tradução do original escrito e publicado em francês, “Des paillettes sur le compost : Écoféminismes au quotidien” de Myriam Bahaffou, publicado pela editora Le passager Clandestin, em 2022

2 Myriam Bahaffou é doutoranda em filosofia na Universidade Picardie Jules Vernes (CURAPP) e na Universidade de Ottawa (IEF), onde ensina a ética (feminista, animal e ambiental). Sua tese de Doutorado desenvolve a possibilidade de uma via interseccional para pensar o antiespecismo em uma perspectiva decolonial, ecofeminista e pós-humanista. Tradução produzida por Christine Nicole Zonzon, ativista feminista, tradutora e Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (PPGCS/ UFBA) Email: criszom2@gmail.com



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 09/11/2023

Aceito em 12/11/2023

Uma vez por mês, vou para o salão.

Uma vez por mês, tomo a linha 13 do metrô parisiense, direção Saint-Denis. E uma vez por mês, resmungo contra a multidão imensa que ocupa a praça da feira. Abro caminho até a rua da República, que fervilha de gente, enquanto sou olhada, cumprimentada e assediada – geralmente tudo isso ao mesmo tempo – pelos chamadores de todo tipo de salões. Apesar dessa difícil travessia, nutro uma afeição especial por Saint-Denis, provavelmente por ter vivido lá durante anos, mas também por ser um núcleo de resistência feminista, onde se encontram coletivos que eu acho poderosos, como Femmes en Lutte 93 ou Saint-Denis Ville au coeur. Mas é, sobretudo, minha infância em Venissieux, um subúrbio popular de Lyon, que explica esse sentimento de familiaridade que toma conta de mim toda vez que volto lá.

Uma vez por mês, então, vou para uma sessão na esteticista; quando me perguntam por que enfrento esse trajeto todo por uma simples depilação, costumo responder que “elas sabem como fazer”, pois já cometi o erro de ser atendida em institutos dirigidos por mulheres brancas no centro de Paris, onde, além do constrangimento de adentrar espaços em que me encontrava em ultraminoria, tive que lidar com a incompetência ou mesmo a repulsa diante de meus pelos “difíceis”, “texturizados” – mesmo comentário no cabelereiro a respeito de meu cabelo “mediterrâneo”. Em Saint-Denis, a minha esteticista vê desfilar corpos parecidos com o meu por dezenas. Ela não me faz sentir diferente, nem suja, nem monstruosa. Ela não estranha o meu corpo e até faz com que eu me sinta em casa.

Entrando no salão, reencontro o burburinho que caracteriza esses espaços. Em minha volta, há um movimento de mulheres. Aquelas que demoram demais são mandadas embora e tenta-se encontrar um horário para quem chegou de última hora. No ar, misturam-se as conversas em um volume indecente, e palavras saltam: “depilação”, “*microblading*”, “dermopigmentação”, “unhas de gel”, “*dermaplaning*”... Quando chega a minha vez, a esteticista mal põe a cabeça de fora do seu cubículo, acenando-me para entrar. “A virilha completa, não é?”, “Sim, como sempre”. A porta fecha, tiro minha calça, minha calcinha, deito e abro as pernas. A luz branca se parece com a de um hospital: tudo precisa ser cru e visível. Estou com as pernas abertas como no ginecologista, mas não se trata de um imperativo médico: de fato, nada me obriga a estar aqui.

Durante 30 minutos, os olhos da esteticista irão escrutar cada milímetro da minha vulva. Ela vai esticar a pele, triturar meus lábios, abrir minhas nádegas, derramar cera quente sobre diferentes partes do meu sexo, com método e cuidado. Ela vai arrancar a cera, puxando de uma só vez, de forma rápida e certa. Antecipo esse movimento em minha mente, com um relance de olho no espelho lateral, que reflete o meu corpo em sua mais completa nudez. Geralmente, ficar nua não



me envergonha, sinto-me à vontade com o meu corpo despido. Mas aí, sinto-me particularmente vulnerável porque a nudez está fora de meu controle; a minha posição é desfavorável, não posso usar do jogo das luzes, eu simplesmente perdi o controle do meu corpo, que costumo encenar com perfeição. Nesse exato momento, a esteticista poderia zombar de mim, dizer-me coisas horríveis, nada poderia me ferir mais. Sinto-me impotente, totalmente oferecida ao seu olhar. Para escapar, uma tentação seria operar uma dissociação, retirar-me de mim mesma; em vez disso, eu me instalo em meu corpo. Habito cada estria, cada dobra, cada pelo.

Estou convencida de que há algo decisivo em jogo nesses espaços. Estamos num reduto feminino cujo universo poderia ser francamente sexualizado; pelo contrário, surge uma espécie de sororidade entre nossos dois corpos em ação. Um padece, o outro inflige. E isso tudo no contexto de uma troca econômica: eu pago por essa prestação de dor. E essa história não deixa de me surpreender todas as vezes que penso: uma pessoa está nua, deitada, de pernas abertas, a vulva exposta. Outra pessoa toca, derramando nela cera quente, inflige-lhe dor, certificando-se do seu consentimento a todo instante. Ela mostra segurança de si própria, de seus gestos, das suas ferramentas. Às vezes, a cera quase toca no clitóris; às vezes, o rosto da esteticista chega a poucos centímetros da vulva. Às vezes, faz calor e suamos; às vezes, escapam da minha boca leves gemidos. E apesar do caráter francamente de bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo (BDSM) dessa cena, não há nada sexual nessa história.

Frequento espaços semelhantes para depilar minhas sobrancelhas nos microssalões indianos da rua do Faubourg Saint-Denis ou na manicure em Saint Lazare. A diáspora chinesa cuida das minhas unhas, a indiana das minhas sobrancelhas e a magrebina dos meus pelos. Meu corpo está partido entre esses continentes e entregue, dos pés à cabeça, aos cuidados da indústria cosmética patriarcal, capitalista e colonial. No entanto, não sou nem branca, nem burguesa e, na verdade, a maioria das demais clientes se parece muito comigo. Enquanto ecofeminista, sinto que algo de extrema importância está se tecendo aí. Expor essas cenas, retirando-as do privado, já é uma façanha. Por isso, almejo navegar aqui entre o político e o íntimo, porque tenho certeza de que vai valer, em algum lugar.

Primeiro, essa cena induz uma reflexão sobre a beleza que me parece ser essencial. Com efeito, há décadas, as feministas têm denunciado a beleza como uma construção patriarcal opressiva; enquanto feministas, supõe-se que a beleza não nos preocupa. Podem até nos atribuir uma beleza “natural”, mas tem que permanecer acidental. Deve ser discreta, sem manutenção ostensível. Cuidado se, pelo contrário, você não está arrumada o suficiente. Poderão taxar você de ser uma feminista mal comida que abraçou a luta por puro sentimento de vingança contra os



homens que você desejaria seduzir em segredo. Mas se, por acaso, você for considerada linda³, pagar outras mulheres para manter sua própria beleza artificial não é o gesto mais feminista que há. Foi o livro arrebatador de Mona Chollet, *Beauté fatale*, que me levou a perceber até que ponto a indústria cosmética gerava opressão em todas as suas dimensões: quem se beneficia – os(as) consumidores(as) –, quem é instrumentalizado(a) em prol da sua promoção – modelos, manequins, porta-vozes de marca –, quem fabrica os produtos – operários(as). Cuidar da sua aparência e encontrar prazer nisso é um gesto que muitas feministas condenam como sendo um desprezível ato de submissão à indústria cosmética patriarcal, que nos sexualiza desde nossa adolescência. Pagar outras mulheres para prestar esse serviço é ainda mais detestável. E nessa história toda, a depilação ocupa um lugar ainda mais específico. Da virilha cavada dos filmes eróticos dos anos 1990 às axilas tingidas de azul no Instagram, o pelo tornou-se há décadas o símbolo e o espelho da evolução do movimento feminista.

Pois bem, todo mês, volto a esse salão. No exato momento em que a porta se fecha, me sinto entrando na antessala da feminilidade. Não porque vim para ser depilada ou porque estaria reinserindo meu corpo em um esquema de desejabilidade, mas por ser um lugar onde se liberam as palavras. Nessa cabine do instituto de Saint-Denis, minha esteticista me fala da volta às aulas de seus filhos, compartilha comigo que seu marido é agressivo, revela seus dramas em um tom leve que me deixa desconcertada. Ela critica a sua família, seu papel de mãe e ridiculariza a soberba dos homens que a rodeiam. Não raro, acabamos caindo na gargalhada ao zombar da heterossexualidade enquanto ela arranca meus pelos que séculos de patriarcado me ensinaram a odiar. É muito difícil definir o que acontece aí: estamos criando vínculo em um lugar incerto, somos cúmplices sem saber exatamente em quais termos, pois, no fim das contas, não tenho nada contra meus pelos. Aliás, às vezes, ela questiona sem escrúpulos as minhas pernas há anos sem depilar, enquanto teimo em manter meu púbis mais glabro possível. Respondo em um tom meio sério que é porque sou somente meio feminista. Rimos novamente, mas nem ela, nem eu sabemos exatamente o que concluir dessa frase.

Espaços como esse, em que se fabrica a feminilidade cosmética, me possibilitam fissurar a categoria tão lisa de mulher cisgênero e lembrar, assim, como devo, através de uma força cosmética pesada, segurar a ilusão da “mulher”. Aí reside o paradoxo, pois ao mesmo tempo que esses momentos apontam as fissuras, também as preenchem: estou construindo meu gênero no momento

³ Digamos de passagem que a definição da beleza obedece a normas do capacitismo e da gordofobia. Embora tenham mudado os códigos nessas duas últimas décadas – passamos de Kate Moss a Kim Kardashian –, a beleza ainda está associada à magreza – pelo menos de certas partes do corpo –, à juventude e ao esporte. No entanto, surgem hoje cada vez mais movimentos *body positive*, notadamente nas redes sociais; isso dito, muitos deles acabam sendo logo integrados no circuito do feminismo *washing* ou permanecem à margem das representações *mainstream* da beleza.



em que remendo aquilo que poderia trai-lo, minha pilosidade. E o meu ecofeminismo ocupa esse exato lugar: me possibilita olhar de frente para a contradição, dentro do meu corpo mesmo. Um corpo que sofre com essa prática que não deveria existir em um mundo perfeitamente feminista e, ao mesmo tempo, um corpo que expia, através dessa dor, o pecado de cobiçar uma beleza percebida como superficial – é o famoso “é preciso sofrer para ficar bonita”. Meu ecofeminismo contesta essa prática, mas compreende e capta as esferas da intimidade por ela geradas, as conversas por ela abertas e, sobretudo, os corpos, os corpos despidos, ditos e vistos por outras mulheres. Ainda mais interessante, é a dor que me aproxima precisamente daquela que me depila. Ela sente que sofre, se compadece, me conta histórias, essas famosas “histórias de mulheres” que me fazem escapar da dor e se tornam meus refúgios.

Esses lugares estão em todo caso absolutamente inacessíveis aos homens, quer se trate do *hammam* sagrado da mesquita ou do salão indiano onde faço as sobrancelhas em Paris. Tal não mixidade permite que os corpos se soltem, que se identifiquem uns com os outros, que deixemos nossas gorduras livres e nossos pelos serem vistos por todos(as). Minha vulva bem pode ser quem ela quiser, naquele instante, e talvez esses sejam os únicos momentos em que ela percebe alguém olhando-a de tão perto, sem projetar nela alguma forma de excitação, de conquista ou de amor.

Sororidade, comunidade, tradição, sagrado. Sem dúvida, estamos em um campo lexical ecofeminista. Os ecofeminismos valorizam os rituais, os espaços circulares onde são protegidos saberes tradicionais, quase que em segredo, pois sabemos que são ameaçados pela padronização capitalista das práticas, pela gentrificação dos bairros populares, pelo desaparecimento dos pequenos salões. Esses espaços existem graças à proteção e à resistência de milhares de mulheres que sabem que essa cabine não é apenas um local de depilação, da mesma forma que um *hammam* não é um lugar onde vamos somente tomar banho.

Em seu curta-metragem *Y'a pas d'heure pour les femmes*, Sarra El Abed instala a sua câmera em um cabeleireiro em Tunis e registra o cotidiano das mulheres que aí se encontram. Não “apesar de”, mas sim “com” o barulho incessante dos secadores de cabelo, as conversas fluem. Entre dois *brushings*⁴, percebe-se a efervescência da política nacional sob a perspectiva das mulheres tunisianas, no alvorecer do período que ia receber o nome de “Primavera árabe”. Sarra

4 O *brushing* foi e ainda é uma passagem obrigatória para a imensa maioria das meninas criadas em uma cultura da África do Norte, pois a beleza mais desejável sempre é branca e, portanto, lisa. O movimento do cabelo natural e do cabelo crespo, desenvolvido pelas mulheres negras e vulgarizado na França há poucos anos, nos levou a valorizar nossos cabelos cacheados. Contudo, preconizar um cabelo *natural* a todo custo, condenando as práticas capilares julgadas “artificiais”, resulta em criar novas injunções para o corpo das mulheres racializadas, que jamais poderão alcançar o paradigma certo de beleza. Em *Beurettes*, Sarah Diffalah e Salima Tenfiche falam em “sobreadaptação” para designar essas bricolagens ambivalentes tais como o *brushing*. Ver: DIFFALAH, Sarah; TENFICHE, Salima. *Beurettes, Un fantasme Français*. Paris: Seuil, 2021.



El Abed consegue registrar imagens da resistência feminina – e feminista, mas esse vínculo nunca fica claro e é nisso que reside o interesse – nesse espaço cosmético. No *hammad*, assim como no salão de beleza, no coração dos espaços íntimos dedicados à estética, podem, portanto, ser construídas importantes alavancas políticas feministas, isso através de pelo menos dois elementos: a não mixidade e as palavras. Nas culturas da África do Norte, a bipartição, com as mulheres de um lado e os homens do outro, tem sido objeto de críticas constantes, sendo denunciada como prática atrasada e patriarcal, em uma perspectiva permeada pela islamofobia. Vale notar que tal não mixidade está sendo valorizada hoje pela maioria das feministas. Seja essa bipartição imposta ou escolhida – e não estou negando que faz uma diferença –, esses espaços abrem uma brecha imensa que possibilita a construção de meios concretos de resistência e a criação de uma contracultura expressa a partir do corpo.

A cosmética foi uma via de sobrevivência para mim, quando, muito jovem, não encontrava nenhuma figura com a qual me identificar. Ao mesmo tempo rejeitada da beleza desejável branca, lisa, magra e delicada e constantemente sexualizada sob o paradigma da *beurette*⁵, predominante na paisagem societal dos anos 2000-2010, pude retomar posse do meu corpo graças a esses espaços de benevolência e de cuidado. No entanto, as práticas de cuidados cosméticos são hoje muitas vezes ridicularizadas pelo seu caráter superficial, apolítico e perigosamente feminino. Assim, as profissionais são desvalorizadas, vistas como mulheres cuja profissão é bem pouco invejável, situada apenas acima de “caixa”. Esteticista, cabeleireira, estilista de unhas, todas são vistas como mulheres simples, infelizes imigrantes asiáticas ou africanas exploradas. No entanto, essas técnicas demandam uma paciência e uma aprendizagem rigorosas que muitas clientes sabem reconhecer e valorizar. Seus cotidianos, sejam elas estudantes ou mães, se parece com o meu nisso, que é marcado pela história da imigração, da pobreza e uma vontade tenaz de independência econômica: são mulheres que gerenciam sozinhas seus salões, que ganham seu próprio dinheiro, investindo tempo no aperfeiçoamento das técnicas. No mundo da militância, constatei com amargura o desprezo dirigido a essa esfera, acusada de representar uma perda de tempo em relação à verdadeira luta⁶. Todavia, é precisamente aí que os ecofeminismos encontram as suas raízes: nesses espaços escondidos, onde mulheres transmitem seus segredos de beleza de geração para geração. Tal beleza não paira nos ares, ela é política; será usada para enganar seu marido, encantar

5 [NT]: “*beurette*”: gíria designando uma jovem mulher de origem magrebina nascida na França de pais imigrantes. Forma feminina do substantivo “*beur*”, formado pela inversão (*verlan*) da palavra “árabe”.

6 Vale observar que a introdução da cosmética nos círculos militantes serve muitas vezes de veículo à *queerness*: assim que surge a maquiagem, as normas de gênero se tornam turvas. Os homens cisgênero podem desempenhar um papel muito relevante nesses momentos de deslocamento e de jogo, pois geralmente tiveram poucas oportunidades de experimentar transformações físicas, nem mesmo as mais leves. Abre-se então um horizonte de liberdade, um jeito alegre de restituir valor ao “feminino”, que costuma ser desvalorizado ou hipersexualizado.



seu amante, ser promovida, apreciar-se melhor no espelho, saber como se valorizar, afiar suas armas para lutar melhor dentro do sistema heterossexual. Esses espaços geram também um resgate da cultura, das referências compartilhadas, dos momentos de fofocas, dos gritos, das danças, da alegria que não consegue existir no espaço público regulado e enquadrado pela decência.

Os ecofeminismos falam de corpos, de matéria bruta e também de histórias e é exatamente isso que esses momentos me oferecem: suspensão do tempo quando minha esteticista me fala da sua vida ou eu conto sobre a minha, quando percebemos até onde a palavra “mulher” pode ser esticada. Isso exige muita ginástica mental, porque, por um lado, ela me vê como uma irmã quando me fala das clientes brancas e do que a França lhe impôs; por outro, quando ela se dá conta de que não falo árabe, que me proclamo feminista, que deixo intocados meus pelos em certas partes, que dou gargalhadas quando me falam em casamento, algo acontece. Fissura, ressurgimento do dualismo tradição-modernidade e dificuldade para me decifrar. Se sou apenas suspeita a seus olhos, então sei que minhas(eus) amigas(os) não binárias(os) ou trans nunca poderiam se beneficiar do mesmo tratamento, nesses espaços onde a questão do gênero é a mais delicada, mais cruel e mais central. Toda a autenticidade, proteção e benevolência que me são oferecidas estão submetidas ao privilégio cisgênero, e a exclusão sistemática das mulheres trans dessas esferas é um exemplo convincente dos limites dessa proteção baseada em uma percepção essencialista do corpo. Nesse sentido, valorizar esses espaços é muito difícil – pois valorizar não significa romantizar –, mas acredito, mais uma vez, que é um caminho que merece ser pelo menos desbravado.

Essa cabine de depilação é um laboratório experimental de diálogo pós-colonial a partir da feminilização do corpo. Como em uma mesa de cirurgia, deito, nua, e ofereço minha carne ao julgamento político de uma sociedade em constante evolução. Aquela que segura a ferramenta de tortura é, no entanto, uma marginal, como eu, então ela costuma me poupar. Entre nós, trama-se um diálogo inédito, atravessado pelas suas histórias que se misturam às minhas, seu sopro em minha coxa enquanto ela arranca com uma pinça os últimos pelos recalcitrantes, sinais do fracasso de uma feminilidade na qual nem ela nem eu acreditamos de verdade. Essa cabine encerra, isola, assujeita aquelas que, como eu, vêm para aperfeiçoar seus corpos dentro da rigidez heteronormativa cisgênero. Mas, ao mesmo tempo, e aí está a contradição, ela promove a liberação das palavras e dos corpos, aí desnudados e expostos, escrutados, inspetados, apalpados e invadidos pela dor. Ela ameaça e reforça a heterossexualidade ao mesmo tempo. Ela revela as divergências, as tensões e as solidariedades entre feminino e feminista.

Enquanto ecofeministas, deveríamos nos posicionar claramente contra a ideologia da beleza “natural” vendida pelo ambiente do *greenwashing*. Como se a beleza que fabricamos fosse menos



digna. Como se o “natural” existisse de verdade⁷. É por meio da maquiagem, das vestimentas, dos hormônios, da comida, de modificações físicas mais ou menos profundas, a partir do “artificial” que pôde se manifestar a minha feminilidade, palavra que me define melhor hoje do que “mulher”. É a partir de todas essas práticas que emergiram as feminilidades cis – embora suas portadoras resistam em admiti-lo –, *queer*, trans, drag, travesti, para citar apenas essas – embora no caso das últimas, sua história com esses espaços seja profundamente complexa. É um perigo continuar a lançar mão de paradigmas como o “natural”. O natural será sempre branco, magro, cisgênero. Estamos enredados(as) nessa história de beleza e, enquanto mulheres, de todos os horizontes, é algo que seguirá dentro de nós para o resto das nossas vidas. A questão é doravante saber como redefinir a beleza de sorte que faça advir uma mudança política eficiente. Postular uma beleza “natural” – isto é, pretensamente inata –, glorificá-la como o cúmulo da desejabilidade, como o maior êxito ecológico, seria negar mais uma vez o trabalho, a preservação e o cuidado que as minorias, notadamente dos Suis, têm empreendido há milênios, com a ajuda de espécies vegetais e animais, para que seus corpos venham a ser verdadeiros agentes de resistência cosmética e política. Isso significa operar outras binaridades entre “verdadeira” e “falsa” beleza, verdadeira e falsa mulher. E por que não reconhecermos as culturas e legados de todos(as) esses(as) agentes em vez de condenar sua suposta artificialidade?

Nas minhas bagagens

ALISSON, Dorothy. Fem. In: ALISSON, Dorothy. *Peau: à propos de sexe, de classe et de littérature*. Paris: Cambourakis, 2015. p. 187-195

CHOLLET, Mona. *Beauté Fatale: les nouveaux visages d’une aliénation féministe*. Paris: La découverte, 2015.

DELORME, Wendy. *Insurrections! En territoire sexuel*. Vauvert: Au diable vauvert, 2022.

DIFFALAH, Sarah; TENFICHE, Salima. *Beurettes, un fantasme français*. Paris: Seuil, 2021.

LEMOINE, Christine; RENARD, Ingrid. *Attirances: lesbiennes fems, lesbiennes butchs*. Plouerden: Éditions gaies et lesbiennes, 2001.

NASCIMENTO, Leticia. *Le transféminisme: genres et transidentités*. Paris: Anaconda, 2022.

⁷ A quantidade e a complexidade dos vínculos entre naturalização e essencialização me impedem de aprofundar sua explicação aqui. O que posso dizer é que o ecofeminismo que sustento implica forçosamente um desvio da binaridade ontológica natureza/cultura, mais particularmente no tocante ao corpo, em que não se pode distinguir o natural e o artificial.



PRECIADO, Paul Beatriz. *Testo Junkie: Sexe, drogue et biopolitique*. Paris: Points, 2021.

SERRANO, Juliano. *Manifeste d'une femme trans et autres textes*. Paris: Cambourakis, 2020.

THOM, Kaai Cheng. *Fèms magnifiques et dangereuses: Mémoires affabulées d'une fille trans*. Montréal: Éditions XYZ, 2021.

Y'A PAS d'heure pour les femmes. Direção: Sarra El Abed. Quebec: Club Vidéo, 2020. 1 vídeo (19 min).

ZIGA, Itziar. *Devenir chienne*. Paris: Cambourakis, 2020.

